

Introdução

Nosso título comporta uma dubiedade: trata-se aqui de um exame do Imaginário, registro conceitual lacaniano, ou da investigação de seu lançamento no interior do dispositivo analítico? Diremos que o presente trabalho pôde contemplar ambas as vias, sem no entanto pretender esgotá-las, quando muito, na medida do alcance dos braços, traçar a partir delas um breve e introdutório recorte.

A pesquisa tem sua origem no que deseja indagar: *o que o curso de uma análise opera sobre o Imaginário?*, questão aqui referida especificamente ao conceito legado pelo ensino de Jacques Lacan, em sua diletta contribuição ao campo inicialmente inaugurado por Freud – o que nos permite também indicar, desde já, o terreno sobre o qual nossa investigação se detém.

Para tratar a questão fez-se necessário percorrer uma mesma avenida, digamos assim, em suas duas mãos: subindo-a, esboçamos o caminho de um possível entendimento, com base em Lacan, da dimensão onde está disposta a realidade para um sujeito, o que nos permitirá, ainda, na medida em que nela avançamos, munir os bolsos com alguns dos conceitos cruciais à apreciação do caminho de volta, descida que só então nos autoriza investigar que tipo de alteração a experiência clínica psicanalítica pode produzir sobre essa realidade.

Para tanto, tomamos como ponto de partida em nosso primeiro capítulo, **Construção da Realidade**, o conceito freudiano de *realidade psíquica*, com o qual Freud vem imbricar de maneira inusitada, no que concerne à escuta clínica, a usual dicotomia entre os campos subjetivo e objetivo: “*Levará um bom tempo até poder assimilar a nossa proposição de que podemos igualar fantasia e realidade*” (FREUD, 1917, p.430). Tal imbricação, a exigir boa parte de nosso esforço inicial, será demonstrada a partir do fundamental conceito do pai da psicanálise, o inconsciente, somadas às suas considerações sobre o tema da origem do ‘eu’, no artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914).

Seguindo, passamos ao exame da tríade de registros concebida por Lacan, em que o Imaginário se insere e se enoda a outros dois, Simbólico e Real, de onde poderemos circunscrever, com base no conceito freudiano precedente, uma definição abreviada do que Lacan veio a distinguir sob a insígnia de cada um deles.

Nesse ponto, nos interessará sobretudo ressaltar a introdução, bastante característica ao ensino de Lacan, do registro Simbólico, a partir de onde iremos verificar sua tese de que não há vivência humana possível que não mediada pela linguagem.

Encerrando o primeiro capítulo, investigamos a instância do Real em meio à realidade psíquica a partir do conceito freudiano de *pulsão*, vertente motriz que irá atrelar à constituição dessa realidade uma exigência, distinguindo-a de uma mera reprodução do campo visual tal como o realiza uma câmera fotográfica. Ali, a busca do aparelho psíquico, em sua necessidade de descarga/satisfação a partir do que se lhe oferece como exterior a ele, localiza a dimensão do Real enquanto desencontro entre o buscado e o encontrado nos objetos, ponto onde destacamos o conceito de objeto *a* lacaniano.

Da montagem operada pela ação conjunta do três registros, partimos então em busca do conceito de *fantasia* em Lacan, dedicando a ele o segundo capítulo, **Enquadres da Fantasia**. Com base no artigo de 1919 de Freud, *Uma criança é espancada*, introduzimos o que Lacan irá destacar enquanto dimensão de ‘roteiro’ da fantasia, organização narrativa do ‘eu’ e do ‘mundo’, “*trama de fabulação*” (LACAN, 1958, p.239) por onde se costuram suas variadas histórias.

A efeito de ilustração, o personagem Buzz Lightyear, do longa metragem de animação *Toy Story* (1995), será então apresentado em nossa pesquisa pelo que poderemos estabelecer devidas articulações, a partir de sua condição inicial, com o tema da fantasia ao longo do capítulo, a começar pela maneira como Lacan vem investigar o que chama *captura do sujeito* pela ação da cadeia de significantes.

A partir disso, retomamos uma das primeiras elaborações de Lacan (1936) dedicada à tentativa em formalizar de que maneira as identificações do ‘eu’ vêm revestir o sujeito, pelo que chamou *estádio do espelho*. Em seguida, verificamos o modo como Lacan vem deslindar a dialética imaginária – modo primeiro por onde a

fantasia será estudada – através de um esquema, dito esquema L, por sobre um eixo no qual a imagem do ‘eu’ se reconhece a partir da de seus semelhantes.

A partir dessa concepção, chegamos ao estatuto de *cena* da fantasia, que iremos apreciar em dois aspectos: primeiramente, cena que equivalerá ao campo mesmo onde o mundo humano está erguido, e a partir de onde o ser falante se desloca e vivencia toda a gama de sabores e dissabores de sua existência; em seguida, uma cena enquanto um pequeno roteiro/sinopse, substrato mínimo de elaboração somente reconstruível em análise (conceituado *fantasia fundamental* por Lacan), a estabelecer para o sujeito – em seu estado de latência (LACAN, 1958, p. 423) – uma amarração específica por onde a primeira e maior cena encontra sua estrutura matriz.

Verificamos ainda como tal amarração não concernirá exclusivamente a um extrato que se possa elidir da rede discursiva, mas também a partir do que nela se apresenta como incidência do Real, ponto de furo nessa estrutura, a oferecer-se na trama fantástica do sujeito como articulação de um desejo referido a determinado objeto [*a*] inacessível – por onde Lacan confere à fantasia uma fórmula fundamental, forjada a partir dos pólos sujeito e objeto, escrita $\$ \diamond a$ (sujeito barrado punção objeto *a*): “*Temos aqui, em $\$ \diamond a$, o correspondente e o suporte do desejo*” (LACAN, 1958, p.455).

No terceiro e último capítulo, **O Imaginário em análise**, chegamos ao interior da experiência clínica constando ser, a psicanálise, não uma clínica fundamentada na remoção de sintomas, mas desde sempre apontada em direção à fantasia.

A partir da regra da associação livre, iremos verificar como Freud vem articular as formações sintomáticas à dimensão da fantasia, implicando-as nela: “*Quem estudar a histeria, portanto, logo transferirá seu interesse dos sintomas para as fantasias que lhes deram origem*” (FREUD, 1908, p.151).

Em seguida verificamos como a associação do sujeito que se dispõe à análise “*nada tem de livre*” (LACAN, lição de 15/03/72, inédito) pelo que, a partir da amarração latente da fantasia, constata-se determinada gravitação do discurso em torno de um ponto obscuro (ponto por onde a dimensão do objeto *a* se faz presente), deixando claro o circuito/roteiro por onde passa seu desejo.

A partir disso, passamos à compreensão de que a presença do objeto *a* no discurso é sempre presentida na qualidade de uma *falta*, dado o caráter evanescente – vertente Real – de sua apreensão, quer esteja remetida ao campo das significações (sentido que não se fecha) como a qualquer ente palpável (satisfação que não se completa); o que nos leva ao exame do conceito de *castração* em psicanálise.

A castração será aqui investigada enquanto experiência separadora a impor limite àquilo que, pelo advento do desejo, agita o sujeito em busca de um estado mítico de complementaridade em relação ao sentido/objeto (para operar esta equivalência entre sentido e objeto fazemos também uma breve investigação da função do *falo* conceituada por Lacan, enquanto significante eleito a admitir a consistência do Imaginário). Ainda, para localizar o termo de interdição do desejo, fazemos também referência ao conceito lacaniano de *Nome-do-Pai*.

Por fim, investigamos o conceito de *transferência* enquanto movimento pelo qual a figura do analista vem a ser incluída na trama fantasística do sujeito, ocupando nela a posição enigmática do objeto *a* no interior da análise. Com isso, a via da transferência é a que, de acordo com Lacan, vem *atualizar* [pôr em ato] a posição subjetiva do sujeito em relação à inacessibilidade do objeto *a*. Nesse sentido, verificamos como a análise, uma vez que o analista não atende às demandas de transferência do sujeito, será sempre a recuperação da experiência da castração, a partir da qual a fantasia veio engendrar-se, conforme examinaremos, na qualidade de *resposta* a essa experiência – resposta que, então, poderá ser reconstruída a partir do trabalho em análise (aqui, fazemos ainda uma articulação aos passos do *recordar*, *repetir* e *elaborar* descritos por Freud em 1914).

Passemos então ao exame pormenorizado dos temas aqui sugeridos.